

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES NO ÂMBITO DO PROGRAMA TODOS PELA ALFABETIZAÇÃO: REFLEXÕES E ANÁLISES

Jaciara de Oliveira Sant´Anna Santos (1); Marcolino Sampaio dos Santos (1); Andréia Cristina Freitas Barreto (2); Edcleide da Silva Pereira Novais (3)

(1) Universidade do Estado da Bahia, E mail jaciarasantanna@yahoo.com.br; (1) Universidade do Estado da Bahia, E mail marcokerigma3@hotmail.com; (2) Universidade do Estado da Bahia, E mail andreyafreitas@hotmail.com; (3) Universidade do Estado da Bahia/PARFOR, E mail cleideneuro@hotmail.com

Resumo: Este artigo versa sobre a formação do alfabetizador do Programa Todos pela Alfabetização, do governo do estado da Bahia. Tem como objetivo principal analisar a formação de educadores que atuaram no programa, buscando responder aos seguintes questionamentos: Como são selecionados os alfabetizadores para atuarem no TOPA? Como se constitui a trajetória formativa dos alfabetizadores de jovens e adultos do referido programa? Quais são os aspectos facilitadores e dificultadores, relativos à sua formação, para o desenvolvimento de seu trabalho docente? A metodologia foi embasada em uma pesquisa qualitativa utilizando-se de pesquisa documental, de observação e de entrevistas semiestruturada como instrumentos de coleta de dados. Os resultados obtidos nesta pesquisa demonstraram que a formação dos alfabetizadores não é considerada prioritária na seleção e também constatamos que os alfabetizadores necessitam de espaços contínuos de formação para se tornarem de fato professores alfabetizadores, dessa forma poderão atender os princípios políticos, sociais e pedagógicos do programa. Portanto, as práticas de formação contribuem para a constituição de saberes necessários, como também para a identidade do Professor de EJA.

Palavras-chave: Alfabetização, Educação de Jovens e Adultos, Formação Docente.

Introdução

O presente trabalho apresenta um estudo sobre a formação dos alfabetizadores do Programa Todos pela Alfabetização. Considerando que o professor é um sujeito fundamental na mediação da aprendizagem dos alfabetizandos, pois, no cotidiano escolar é ele o responsável pela compreensão das experiências de vida, anseios e indagações que, precisam encontrar no âmbito escolar, repostas e soluções favoráveis a construção do conhecimento.

Assim, discutir a formação de alfabetizadores que atuam em Programas de Alfabetização de Jovens e Adultos tem colocado a todos nós, formadores de professores, diante de dois caminhos de direções diferentes, mas complementares: a do alfabetizador como aluno e do alfabetizador como docente.

Vale ressaltar que o objetivo da pesquisa é de analisar a formação de educadores que atuam no programa, buscando responder aos seguintes questionamentos: Como são selecionados os alfabetizadores para atuarem no TOPA? Como se constitui a trajetória formativa dos alfabetizadores de jovens e adultos do referido programa? Quais são os aspectos facilitadores e dificultadores, relativos à sua formação, para o desenvolvimento de

seu trabalho docente? A educação é uma construção social que envolve a disputa por projetos de sociedade e, desse modo, a reflexão sobre práticas pedagógicas, no âmbito da formação de alfabetizadores, requer considerar a conjuntura socioeconômica e político-cultural do Brasil, no contexto atual.

Destacamos que o Programa Todos pela Alfabetização (TOPA), configuração do PBA, sob a responsabilidade da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, objetiva:

[...] promover uma educação de qualidade para a população de jovens, adultos e idosos, assegurando seu ingresso e permanência na escola, garantindo-lhes as oportunidades necessárias à apropriação da leitura e da escrita e criando as condições objetivas para a inclusão social, política, econômica e cultural desses sujeitos. (BAHIA, 2012, p. 33.).

Neste sentido, constata-se que a formação de professores voltada à EJA visa aperfeiçoar técnicas pedagógicas, metodologias de ensino que possibilitem a permanência desses educandos na escola, proporcionando-lhes um ensino significativo, que os levem à análise crítica dos fatos abordados em sala de aula e do seu meio social. Sendo assim, o perfil do professor do EJA é muito importante para o sucesso de seus alunos, onde a aprendizagem caminha de mãos dadas com a compreensão, empatia, amizade, solidariedade do educador.

É importante frisar que no decorrer da história da alfabetização de jovens e adultos não encontramos muitos relatos que deem conta da importância do conhecimento teórico sobre as propostas de alfabetização, muito menos reflexões sobre a formação do professor, como alfabetizador capaz de proporcionar a construção do conhecimento, numa perspectiva de formação de sujeitos reflexivos.

Trata-se de uma pesquisa fundamentada no método de pesquisa qualitativo, utilizando-se pesquisa, de observação e de entrevistas semiestruturada como instrumentos de coleta de dados. O referencial teórico baseia-se em estudos de autores como Freire (1996), Arroyo (2005, 2006), Gadotti (2005), entre outros.

A pesquisa documental se constitui em um método que utiliza apreensão, compreensão e análise de documentos diversos. Faz-se necessário ainda explicar que o documento, como fonte de pesquisa, não precisa necessariamente ser escrito ou impresso. Assim, numa pesquisa documental, podemos incluir: filmes, vídeos, slides, fotografias, pôsteres, depoimentos etc. Nesta pesquisa, os documentos em questão foram os relatórios dos professores formadores, a ficha cadastro do perfil do alfabetizador e a ficha do espaço de alfabetização.

Portanto, justifica-se o tema proposto como possibilidade de analisar qual é a formação do alfabetizador de jovens e adultos no programa TOPA.

Metodologia

A pesquisa foi realizada nos anos de 2015 e 2016, com 243 (duzentos e quarenta e três) alfabetizadores da 8ª e 9ª etapas do programa, em oito municípios do sudoeste da Bahia, a qual foi dividida em três etapas: num primeiro momento foi feito levantamento bibliográfico, que enfatiza a formação do professor para atuar na EJA, em seguida, foram feitas entrevistas com os alfabetizadores, e por último a observação de suas práticas em sala aula.

Esta foi uma pesquisa qualitativa porque os entrevistados foram estimulados a pensarem livremente sobre o tema, a fim de alcançar percepções e entendimento sobre a questão, abrindo espaço para interpretação e reflexão. Conforme (André e Lüdke 1986,p.23.) “a pesquisa qualitativa se desenvolve numa situação natural, é um estudo rico em dados descritivos, tem um planejamento aberto e flexível e mira a realidade de modo complexo e contextualizado”. Neste sentido, esta pesquisa poderá ser assim caracterizada, uma vez que apresenta dados qualitativos.

Na análise documental, utilizamos a ficha cadastro do alfabetizador, pois nela apresenta-se o perfil do mesmo, como grau de escolaridade, situação ocupacional, experiência na área de educação e experiência em outros programas de alfabetização. Também usamos na análise a ficha dos dados do espaço da alfabetização, pois nela contém informações se o alfabetizador já recebeu formação anterior.

A prática pedagógica do professor alfabetizador exige dele uma formação alicerçada em saberes docentes, requeridos na alfabetização de jovens e adultos. Nesse sentido também analisamos as fichas de desempenho individual do alfabetizando e a da produção escrita do mesmo.

É notório que o programa apresenta uma proposta de formação dos alfabetizadores com uma carga horária de 40h, dividida em duas etapas, 24h na formação inicial e 16h na formação continuada. Porém do ponto de vista pedagógico percebemos a falta de profissionais habilitados para o trabalho de alfabetização de jovens e adultos. As condições necessárias à realização do trabalho pedagógico na EJA envolvem o aprofundamento teórico e conceitual da modalidade, bem como o compromisso com um trabalho docente diferenciado. Isso envolve a adoção de metodologias e posturas que deem conta de vencer as dificuldades de permanência, aprendizagem e relacionamentos, que abarquem uma condição educativa de direitos conquistados e que sejam capazes de reconfigurar a realidade da EJA nos programas de educação de jovens e adultos.

Assim, é fundamental repensar nos critérios de seleção dos profissionais para atuarem na alfabetização de jovens e adultos. Nesta perspectiva Gadotti destaca que:

É preciso partir do conhecimento das condições de vida do analfabeto, sejam elas as condições objetivas, como o salário, o emprego, a moradia, sejam as condições subjetivas, como a história de cada grupo, suas lutas, organização, conhecimento, habilidades, enfim sua cultura. Conhecendo-as na convivência entre eles e não apenas –teoricamente. Não pode ser um conhecimento apenas intelectual, formal. O sucesso de um programa de educação de jovens e adultos é facilitado quando o educador é do próprio meio. Um programa de alfabetização de pessoas jovens e adultas, por essa razão, não pode ser avaliado apenas pelo rigor metodológico, mas pelo impacto gerado na qualidade de vida da população atingida. A educação de jovens e adultos está condicionada às possibilidades de uma transformação real das condições de vida do aluno-trabalhador. Os programas de educação de jovens e adultos estarão a meio caminho do fracasso se não levarem em conta essas premissas, sobretudo na formação do educador. O analfabetismo não é doença ou –erva daninha, como se costuma dizer. É a negação de um direito ao lado da negação de outros direitos. O analfabetismo não é uma questão pedagógica, mas uma questão essencialmente política. (GADOTTI, 2005, p.32)

Vale frisar que no decorrer da história da alfabetização de jovens e adultos não encontramos muitos relatos que dêem conta da importância do conhecimento teórico sobre as propostas de alfabetização, muito menos reflexões sobre a formação do professor, como alfabetizador capaz de proporcionar a construção do conhecimento, numa perspectiva de formação de sujeitos reflexivos.

Na coleta de dados através das observações, buscamos obter informações entre a prática desenvolvida e sua relação com a formação do alfabetizador.

Resultados e Discussão

De acordo com os dados obtidos nessa pesquisa, pode-se constatar que apesar do programa apresentar alguns critérios para a seleção dos alfabetizadores, os mesmos não são considerados por todos os municípios pesquisados. Segundo a proposta do programa a seleção dos voluntários para atuarem como alfabetizadores - coordenadores de turmas e tradutores-intérpretes de Libras devem ser realizados pelos Executores e entidade por meio de edital público, obedecendo aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência da administração pública.

Os dados apontam que a escolha dos alfabetizadores obedece mais a critérios políticos do que através de seleção do edital, não levando em consideração a formação mínima exigida. No entanto, dados informam que essa exigência não é atendida em muitos locais. A pesquisa conclui-se que existem localidades onde a demanda de pessoas com todos os padrões exigidos é pouca, e se, existem, muitos não se disponibilizam para esta prática social, o que por vezes gera o preenchimento de vagas por adolescentes (menores de idade). Outro fator preocupante é o nível de escolaridade dos voluntários, tornando-se aptos a serem alfabetizadores apenas com o ensino fundamental completo. Estes, pouco se mostram ter uma carga cultural para a prática pedagógica devido à falta da continuidade dos seus estudos igualmente aos alfabetizandos; faltava-lhes segurança na leitura e escrita transmitida ao grupo em sala de aula e não apresentam experiência docente, fatores que comprometem a qualidade do programa.

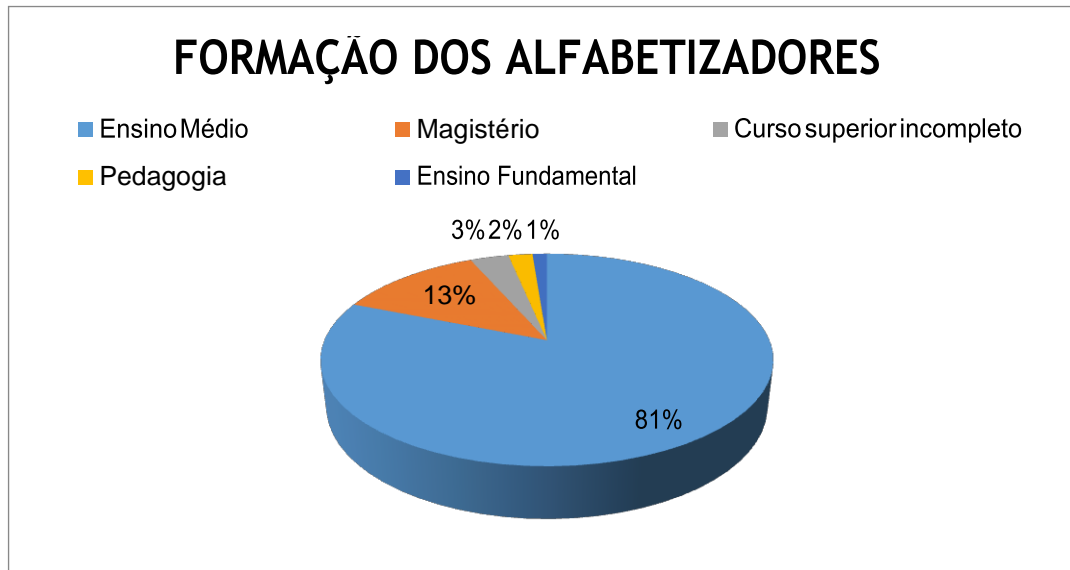
Segundo Soares (2006), apenas recentemente a formação do professor da Educação de Jovens e Adultos passou a ser reconhecida como uma modalidade ou habilitação nas Instituições de Ensino Superior e o delineamento do perfil do professor da Educação de Jovens e Adultos ainda está em construção, por não conformar-se com o caráter universalista da formação de professores.

De acordo com Arroyo e Soares (2005) as universidades não tem oferecido uma formação capaz de atender as necessidades do educador que trabalha com a EJA, principalmente se considerarmos as especificidades deste público. Ainda segundo o autor “o perfil do educador de jovens e adultos e sua formação encontra-se em construção” (ARROYO, 2005, p. 18). A construção deste perfil e também a formação dos professores da EJA precisa ser melhor considerada pelas políticas públicas, a fim de que não continuemos a reproduzir a exclusão dos sujeitos que por questões sociais, econômicas ou até mesmo pelo próprio sistema regular de ensino, passaram a frequentar a EJA.

Outro aspecto importante a ser destacado em relação à formação de educadores de jovens e adultos é a inexistência de parâmetros oficiais que possam delinear o perfil desse profissional. Isso pode ser associado ao fato de não termos ainda uma definição muito clara da própria EJA, pois, conforme já mencionado, trata-se de uma área em processo de amadurecimento e, portanto, com muitas interrogações.

Constatamos por meio de análise documental e de entrevista semiestruturada com perguntas abertas e fechadas, o qual foi respondido por 243 (duzentos e quarenta e três) alfabetizadores da 8º e 9º etapas de oito municípios do sudoeste da Bahia que a maioria dos/as alfabetizadores/as que atuaram no ano de 2016 e 2017, tem com formação apenas o ensino médio, conforme o gráfico 1.

Gráfico 1



Com base no exposto, é possível perceber a falta de formação por 82% dos alfabetizadores, o que é destacado nas concepções de Haddad e Di Pierro (1994), quanto à questão:

Os professores que trabalham na educação de Jovens e Adultos, em sua quase totalidade, não estão preparados para o campo específico de sua atuação. Em geral, são professores leigos ou recrutados no próprio corpo docente do ensino regular. Note-se que na área específica de formação de professores, tanto em nível médio quanto em nível superior, não se tem encontrado preocupação com o campo específico da EJA; devem-se também considerar as precárias condições de profissionalização e de remuneração destes docentes! (p. 15).

A falta de profissionais com formação foi evidenciada em todos os municípios pesquisados, apesar do programa oferecer uma formação de 40h dividida em duas etapas. A estrutura de formação adotada no programa TOPA da Bahia foi estruturada de modo a atender as especificidades do processo de ensino-aprendizagem, respeitando à realidade local.

A formação de professores, a partir dessa perspectiva, torna-se um meio para a elaboração de teorias práticas no ensino. Por isso, a necessidade da elaboração de projetos que desenvolvam, nos professores, a competência de se tornarem pesquisadores da sua própria prática:

É preciso fortalecer e apoiar os educadores, no sentido de serem investigadores criativos e reflexivos em suas práticas e de estabelecerem interações com os educandos nas quais respeitem sua cultura, seus valores e seu processo de aprendizagem, de saberem escutar e interpretar suas expectativas. O grande desafio consiste em estabelecer um processo de formação permanente, promovendo aprendizagens relevantes para a atuação profissional e para o desenvolvimento de

práticas pedagógicas que respondam a um conceito amplo de alfabetização e às demandas educativas desses grupos. |(VÓVIO, 2004, p. 25)

Diante de posturas de educadores sem o nível de educação básica completa, os quais se tornam aptos a realizar ações alfabetizadoras, soa como uma desvalorização ao processo educativo de jovens e adultos, pois muitas exigências não são entendidas como relevantes ou imprescindíveis para atuação docente no projeto, tornando duvidosa sua eficácia enquanto compromisso em alfabetizar e encaminhar o grupo a dar continuidade ao processo educativo. Em decorrência disso, não é raro de se encontrar atitudes de educadores que limitem ações do projeto como ensinar a escrever e ler seus próprios nomes.

Ainda assim percebemos através das observações que mesmo afirmando que não conseguem relacionar à sua prática, alguns conseguem após a formação identificar com maior propriedade suas lacunas e deficiências, compreendem suas necessidades formativas e cobram isso das próximas formações, cobram que a Universidade repense o modelo de formação realizada e considere a avaliação da formação realizada por eles nas considerações a respeito da formação, que considere a formação profissional e partindo daí reformule a formação.

Conclusões

A formação do alfabetizador de jovens e adultos é um dos principais desafios enfrentados no desenvolvimento de políticas e programas de alfabetização, que se tenta delinear de várias maneiras, seja pela ação direta em processos diversos, seja pela ação direta de formação inicial e continuada.

A pesquisa constatou que a formação dos alfabetizadores não é algo levado a sério pelas prefeituras e entidades de movimentos sociais, responsáveis pelo programa nos municípios, mesmo com a exigência dos alfabetizadores voluntários serem selecionados com professores das redes municipal e estadual de ensino, graduandos dos cursos de licenciatura das universidades estaduais, federais e privadas, educadores dos movimentos sociais e sindicais ou que possuam experiência em educação popular.

A não priorização da educação de pessoas jovens e adultas também é percebida neste estudo com a precarização do trabalho docente. Precarização no sentido de perceber como inaceitável que pessoas sem a formação devida atuem como professor alfabetizador nas classes de adultos. Ora, atribuir a um cidadão qualquer, que tem apenas o nível médio, a condição de ele ser professor, é, no mínimo, desrespeitoso ao sujeito analfabeto, que tem direito garantido à educação de qualidade e, conseqüentemente, à aprendizagem. Isso também

compromete a continuidade dos estudos por parte dos alfabetizandos, por perceberem as fragilidades e a precariedade com que funciona, em alguns aspectos, o Programa.

Foi possível comprovar, durante as observações, que vários alfabetizadores não possuem as condições mínimas para o desenvolvimento do trabalho docente. Essa realidade foi percebida nos oito municípios pesquisados, a quase total ausência de formação específica para atuar com jovens e adultos.

Partindo da realidade das especificidades da Educação de Jovens e Adultos, também é necessária a constituição de um professor que contemple competências e saberes necessários à prática com a alfabetização ou aprendizagens fundamentais de adultos e jovens trabalhadores. O despreparo deles no que se refere à tarefa sob sua responsabilidade — alfabetizar jovens e adultos — é apontado por pesquisadores como uma das causas para a baixa efetividade do Programa. A Formação Inicial é, pois, condição imperiosa para que os alfabetizadores possam desenvolver capacidades necessárias à alfabetização de jovens e adultos. Visando o alcance desse objetivo é que se concebeu o que deveria vir a ser a formação inicial de alfabetizadores.

A formação do professor deve ser um processo contínuo, como diz Freire (1996, p.50) “ensinar exige consciência do inacabamento”. Reafirmamos a assertiva citando Nóvoa (1997, p.26): –A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando. O professor de EJA, precisa ser desafiado, interpelado pela realidade, e assim modificar a realidade dos alfabetizandos.

Salientamos que os saberes constituídos nas práticas sociais são extremamente complexos e de difícil apreensão, sobretudo para os professores que não tiveram na sua formação inicial nenhum contato com essas questões. Assim, a formação dos educadores que atuam no processo de alfabetização de jovens e adultos é de fundamental importância para a erradicação do analfabetismo entre adultos, sendo uma meta ainda distante para os governos.

Referências

ARROYO, M.G. **Formar educadoras e educadores de jovens e adultos**. In: SOARES, Leôncio. Formação de educadores de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica/ SECAD - MEC/ UNESCO, 2006. p. 17-32.

_____. **Educação de jovens adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública**. In: SOARES, Leôncio José Gomes; GIOVANETTI, Maria Amélia.; GOMES, Nilma Lino. (Org.). Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.19-50.

BAHIA. Secretaria da Educação do Estado da Bahia. Relatório do Programa Brasil Alfabetizado do Estado da Bahia – Programa Todos pela Alfabetização etapas 2007 a 2010. Bahia: SEC/TOPA, 2012.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, São Paulo, Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. Educação de Jovens e Adultos: Correntes e Tendências. In: ROMÃO, José Eustáquio (orgs.). Educação de Jovens e Adultos: Teoria, Prática e Proposta. São Paulo Cortez, 2005, p. 29-39.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. Diretrizes de política nacional de educação de jovens e adultos: consolidação de Documentos 1985/94. São Paulo, ago.1994.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

NOVOA, Antônio. (Coord.) Os professores e sua formação, Lisboa Portugal, Dom Quixote, 1997.

VÓVIO, Cláudia Lemos. O desafio da alfabetização de jovens e adultos no Brasil. Revista Pátio. Porto Alegre: Artmed, ano VIII, nº 29, fev/abr, 2004.